

CIPRIANO

Peça de Tássio Ferreira



Esta peça integrou o Minifestival de Dramaturgia Quatro Cravos para Exu, com a encenação da peça, publicação do livro onde contém as peças, mesas de discussões e etc. Foi inspirada nesta imagem da série Laròyé, do fotógrafo Mario Cravo Neto. Teatro Gamboa Nova, Salvador – 2010.

Personagens:

João, um homem maduro

Maria, uma senhora de lentidão própria

Solange, uma mulher de ancas largas

Homem

Cenário:

Uma casa velha, em ruínas, com intenso brilho dourado. Forte odor de coisa estragada, que logo se mistura ao de fumo. Uma pequena sala de onde se entrevê a entrada de um quarto. Poucos móveis, mal distribuídos: uma geladeira com a porta amarrada por um arame, um sofá velho, uma televisão de quatorze polegadas, uma mesa com duas cadeiras, um quadro de nossa senhora na parede dos fundos, dois bancos (sobre um deles há uma bacia de alumínio amassada, na qual Maria lava roupas). Atrás da porta, o assentamento de Exu: um alguidar grande, com uma panela de barro ao centro e, no entorno, sete facas enfiadas no barro. Ao lado do assentamento há uma imagem de Exu, um copo de vidro, algumas garrafas de cachaça, alguns tocos de cigarro e quatro velas acesas.

UM

Maria lava roupas em uma bacia, enquanto João, sentado no banco, bebe cachaça e fuma compulsivamente.

João. Eu quero ser rico. *(pausa longa)* Sempre quis!

Maria. *(olha com veemência por cima dos óculos)* Se morresse cedo...

João. Eu quero ser rico!

Maria. *(bufando)* Feio faz morrer a qualquer hora. Num lugar...

João ri. Pausa.

João. Se eu acreditasse em Deus. *(pausa longa)* Até que era mais fácil, né?

Ouve-se, fora de cena, o choro de um bebê.

Solange. *(fora de cena, grita)* Seu Exu tá aqui chorando, quer farofa. Olhe que eu mato essa menina.

Maria. Quem pariu Mateus que balance. Na hora do quiquiqui-cacacá é tudo gostoso. O outro quer ser rico. Casa suja, chão sujo.

João levanta da cadeira e apaga o cigarro.

João. A senhora sabe onde tem uma igreja aqui?

Maria. Igreja num é lugar de podridão. Vá se curar, depois converse com Deus.

Solange entra e joga a garrafa de cachaça no chão.

Solange. Sinhá desgraça, vá ver aquela porra daquela menina. Eu vou jogar no vaso e dar descarga, viu?

Solange sai para o quarto. João encosta-se num canto da casa e admira o espaço.

João. Nós vai ser rico, fico até imaginando o dia, as coisa, eita! Vou pedir a Deus.

Maria. Se morresse cedo...

Solange entra, vindo do quarto, trazendo consigo uma bolsa bem velha.

Solange. Estou saindo, se quiser dê leite, dê água, dê o que quiser praquela porrinha. Eu vou curtir! E você que se foda.

João enfia a mão na bacia e começa a lavar o rosto.

João. (*sussurrando*) Deixa eu lavar o rosto, pra ficar bonito na hora de falar com Deus, né? Ele é homem de importância, num posso aparecer assim, mamado.

Maria bate nas mãos de João com uma bengala.

Maria. Tire a mão de minhas roupa, seu traste. Nem parece que saiu de dêndi mim! Se morresse cedo. (*pausa*) Deus devia de me levar.

Pode-se ouvir o berreiro da criança em volume ainda maior. João enxuga o rosto em um pano velho.

João. Eita, que tô ficando é bonito. Ele vai me fazer rico, riquíssimo, ricão rapidinho.

João sai para o quarto. Maria enxuga as mãos na saia.

Maria. (*grita para João*) A menina tá chorando, seu pau mandado. Tá com fome. A outra largou sem dar de comer. Vou jogar um ebó nas costa dela. Come de meu pirão, inda deixa a menina assim, tirando meu sossego.

João sai do quarto, vestido com um paletó velho, traz consigo gel e espelho, passa gel no cabelo e parte-o ao meio.

João. Mãinha, cadê aquele perfume da senhora? Me dê só um pouquinho, porque esse paletó que era de painho parece que já tá bem velho, né? Tá com cheiro ruim. Eu vou pedir a Deus pra ser rico, tenho que ir de importante.

João sai para o quarto.

Maria. Sei de perfume nenhum. Você tem é que se tratar. Isso só pode ser encosto. Se morresse cedo, ia diminuir essas pontada em meu peito.

João. (*fora de cena*) Aqui, mãinha. Achei! (*fungando*) Ixi, tá vencido! Mas vou usar assim mesmo.

Entra João.

João. Ele não vai reparar essas coisa, né? Disse que ele num tem diferença entre rico e pobre, né? Tomara que ele num desconfie que eu não sou crente, que eu num acredito nele... Porque veja se pode, a gente acreditar numa coisa que é vento? Que a gente num vê? (ri) Eu num consigo...

Maria senta num banquinho e acende seu cachimbo.

Maria. Ebó dos brabo. Mas vou saber de elegbara quem fez isso com ele. Se foi aquela mizéra, pra ele morrer logo... (bufando) Eu num vou morrer hoje nem amanhã, e antes de ir levo ela comigo.

A criança pára de chorar.

João. Mas eu vou assim mesmo. Vou fazer que nem os povo de televisão, fingindo que é verdade. Acho que ele nem vai perceber. (bebe um gole da cachaça) Pra ajudar no disfarce.

João sai pela porta dos fundos.

Maria. Que disgraceira... Num entendo porque uns tem tudo e outros nada. É por isso que peço que apresse comigo. Eu, nessa idade, e depois de tudo que já sofri. (pausa) A culpa é de Francisco!

Solange entra, ofegante.

Solange. Ô, dona véa, me arranje cinco conto aí. Tô sem grana.

Maria. Você saia de minha frente, sua desgraça, para eu num lhe meter essa porra em sua cara, sinhá vagabunda. Dando corno em meu filho, trazendo doença pra dêndi casa.

Solange. Se não me der, eu pego assim mesmo.

Solange abre a bolsa de Maria e cata algum dinheiro.

Solange. (sai, correndo) Já fui! Amanhã eu volto e olhe lá! Hoje é sexta, véa, acorde.

Maria. (grita) Saia daqui, sua desgraça, saia daqui, saia... (leva a mão ao peito, sem ar) Tá chegando a hora, me leva senhor... Ai, meu peito. João? João?

Entra João, assustado.

João. Eita, já tô até ouvindo as vozes. Deus é mais. Num é que existe voz no invisível mesmo? (ri) A casa do pastor é mais perto, vou lá primeiro, pra num gastar minha sola de meu sapato. Deixe eu adiantar, porque atrasado come cru. Não... Apressado que come cru. (ri) Eu nem sei mais é de nada...

João sai da casa.

João. (fora de cena, já longe) Eu vou ser rico...

Maria. Eu até me arrependo do dia que abri minhas pernas pra seu pai. Porque aí eu num engravidava de você, traste. Nunca prestou para nada... Eu nem sei por que seu pai num vem me buscar logo. (dá uma tragada no cachimbo e engasga) Num é que o diabo do Exu da menina calou a boca? Será que morreu, minha virgem Maria? Pior que a menina num tem culpa de nada.

Maria sai para o quarto.

Maria. (fora de cena, no quarto) Desgraça! Desgraçada eu! Ô, menina, acorde! Respira! Sua valência é essas folhas eu tirei ontem.

Maria inicia uma rezadura:

Recebe essas palavras de Jesus.

Pelo teu corpo em cruz,

Assim como passa pela lua,

A lua pelo sol,

Quem comanda o teu corpo

É o nosso sinhô do céu.

Se esse mal no teu comer, no teu beber,

No teu deitar, no teu vestir,

No teu andar, no teu dormir,

Na tua formosura

Com dois te botaram,

Com três eu tiro.

Pelos poderes de Deus e da virge Maria,

Que Oxalá tire toda essa quizila e jogue no fundo do mar,

Onde galo e galinha nenhum pode alcançar.

Maria. *(fora de cena, no quarto)* Acorda, menina, oxalá te chama. Respira. Minha virge, mas olha a cor dessa menina. Eita, egum brabo. Agora me diz se a criança tem culpa? A mãe desgraçada é que devia tá debaixo de sete palmo. Desgraça! *(pausa)* Sou a desgraça!

Ouve-se barulho de coisas caindo e som de tapas.

Maria. *(fora de cena, no quarto)* Desengasga, menina! Chora com força porque é mesmo o que lhe resta. *(bate na menina)* Só chorar.

A menina chora baixinho.

Maria. *(fora de cena, no quarto)* Nem adianta me olhar assim, porque eu mato sua mãe! Vou cozinhar ela sete dia no dendê, pano preto! Quer farofa, Exu? Eu vou lhe dá, mas mate essa desgraça que emprenhou de meu filho.

A menina pára de chorar

Maria. *(fora de cena, no quarto, choramingando)* Porque não me leva logo dessa vida? Eu tô velha! Eu tenho culpa de quê? Filha de minhas filha, netos meu são, e de meus filho, serão ou não? *(pausa longa)* Eu devia de ter ido morar com Jacineide, pra num ver essas coisa.

Entra Maria, com a menina nos braços, ninando-a com muita afeição.

Maria canta:

A cruz de Cristo venha sobre mim.

Quem nela morreu responda por mim.

Espírito mau,

Retira-te d'aqui...

Por sinal do céu,

por sinal meu,
bendita seja a hora
que Cristo nasceu!

Maria coloca a menina na cadeira. Entra Solange, ofegante.

Solange. Olhe, véa, vá conversar com seu Elias! Me aparou na frente de todo mundo pra me dizer liberdade. Eu comprei alguma desgraça de cachaça na mão dele? O filho é seu.

Maria. O marido é que é seu.

Solange. Porra de marido, aquilo num presta nem pra dar uma. Os músculo dele num serve pra nada. Pôde de cachaça, num sei que Diabo me deu em minha cabeça quando eu vim trabalhar aqui na casa da senhora.

Maria. Mas eu sei que diabo de coisa que foi.

Solange. E a senhora sabe?

Maria. E é que foi a fome. Morta de fome, aceitou foi tudo para num morrer na rua, sem cumê.

Solange. E precisa a senhora falar assim? Eu tive culpa de que? Era criança, num podia trabalhar como agora eu posso.

Maria. Era criança pra umas coisa.

Solange. Pra umas coisa, não, que a senhora sabe quem foi o cão da história. Num precisa nem eu lembrar, precisa?

Maria. Mas é o que eu digo todo dia: que o diabo da menina fica aí jogada, pior que cachorro! Porque a você eu dei de cumê e de beber.

A menina começa a chorar.

Solange. Num descunverse, não. Me tratava como se eu fosse lixo. Inda tinha que aturar seu Francisco me espiando eu tomar banho, uma menina que num tinha força nem pra dar um tapa bem dado na cara daquele velho descarado.

Maria. Cale sua boca! (*parece sentir dor no peito*) Você cale sua boca, sua desgraçada.

Solange. A verdade incomoda? Você acha que eu ficava como? Onze ano de idade, inventando negócio de massagem em minhas perna. A senhora saía e eu...

Maria. Ai! Cale a boca, desgraça, cale a boca...

Maria sente pontadas no peito, desequilibra-se e acaba sentada na cadeira.

Solange. Desde pequena, essas coisa. Eu nunca foi que consegui esquecer, tá aqui marcado em meu corpo. *(uma lágrima desce no rosto e rapidamente é enxugada)* Inda tenho que todo dia me lembrar disso. *(indica a menina)* Chora ela... *(pausa)* Chora eu por dentro... Eu tenho é nojo dessa criança. Por mim, fica aí pra quem quiser levar.

Maria. Sua excomungada, Deus vai lhe dar a resposta.

Solange. Eu quero mesmo que ele mim dê a resposta. Quero que a senhora vá dormir junto com essa menina e pra num voltar é mais. Porque o traste, a garrafa ambulante, eu mato.

Maria. É sua sina mesmo, a de encomendar os corpo dos outro pro quinto dos inferno.

Solange. A senhora deixe a minha língua quieta.

Maria. Se num fosse meu irmão, hoje você/

Solange. *(corta)* Hoje eu o que? Quem tava na cadeia era ou ele ou você, sua puta velha. Mas ele já teve ter sido comido pelas terra.

Maria. Você mim respeite, sua excomungada.

Solange. Ladroneira, descarada. Os dois trambiqueiro, então eu não via as coisa de roubo chegar aqui? Eu via era tudo, vendia tudo roubado lá na venda... Os pessoal desconfiava, mas ninguém abria a boca porque todo mundo gostava da vida mole, tudo barato. Ainda gostam.

Maria. Você tá ouvindo é coisa de mais.

Solange. Ouvindo, não! Eu via era tudo. Era criança, mas hoje eu entendo tudo. Num tá lembrada do dia que as polícia chegou? Que seu Geraldo denunciou a senhora e o diabo de seu Francisco? Quase os dois ia pra casa de tia Dete.

Maria. Isso num é de sua conta.

Solange. Mas a senhora é tirada a moralista. Sua moral tá na lama.

Maria. Sua vagabunda, excomungada, procurava frete com todo mundo.

Solange. (*histérica*) Eu era criança! (*pausa longa*) Até me vender pra pagar as dívida sua você fez, sua puta velha.

Maria. Ai! Ô, João!

Solange. (*as lágrimas descem frenéticas*) Você me vendeu pra o vizinho. Eu, uma criança!

Maria. Menina, cale a boca!

Solange. Me mandou arrumar a casa, que a senhora e seu Francisco mais João ia sair. Eu, inocente, arrumei tudo. Daqui a pouco, Seu Elias bate na porta pedindo farinha. Eu disse que num podia dar. Ele disse que a senhora autorizava ele pegar. Mandou eu subir na escada, pra pegar a farinha no alto, que a senhora escondia pra eu num comer.

Maria. (*rouca, quase sem voz*) Valei-me, minha Nossa Senhora! Ai meu peito, Jesus! Iansã, minha mãe, jogue um raio nessa mulher!

Solange. Eu fui e subi, ele olhando debaixo de minha saia. Pegando em minhas perna, em minha bunda. Eu sem poder fazer nada. O homem com as mão forte. Trancou a casa toda, fechou as janela, as porta pra os vizinho num ver, e me chamou pra tomar banho com ele, que tava fazendo calor e na casa dele tava sem água. Eu dizendo que num tava com diabo de calor, e o homem me beijando toda, me lambendo, eu chorando. (*pausa*) Ele dizendo que se eu gritasse me matava.

O bebê pára de chorar.

Maria. Você adora de inventar essa história pra se fazer de vítima. Os pessoal acha até que você é santa.

Solange. Eu num preciso me fazer, porque já me fizeram, tô aqui toda feita pela mão podre. Tudo pra pagar suas conta, ele inda mandou eu dar o dinheiro à senhora. E disse que depois vinha de novo.

Maria. Você devia de botar uma mesa de visão, porque você inventa é história! Podia de ganhar dinheiro com as adivinhação... Cheia de história.

Solange. A macumbeira aqui é a senhora. Antes fosse adivinhação, mas a verdade é assim, incomodando. Num podia é ficar presa. Num tamo colocando os pôle pra fora, pois eu

adoro falar dos pôde dos outro, porque o meu todo mundo já sabe e eu num provoquei foi nada, fui é vítima.

Maria. Vítima sou eu. Velha, tendo que ouvir essas coisa. Pobre de meu filho, que casou com você.

Solange. Pobre de mim.

Maria. Você tinha é que beijar os pé de João pelo que ele fez por você.

Solange. Ele que fez? A senhora que armou foi tudo.

Maria. Você tinha que tratar ele de bandeja.

Solange. Ele só fez o que a mãezinha dele obrigou, pra num passar vergonha com os vizinho.

Maria. Menina, você cale sua boca.

Solange. A senhora é que devia de me dar as coisa na bandeja, lavar meus pé, fazer minhas unha, me tratar como rainha porque num botei a senhora na cadeia. (*vira de costas e vai saindo*) Devia é de fazer.

Maria. Por que num botou?

Solange. (*volta, num súbito*) Jacineide que mim implorou. Se num fosse ela, todo domingo eu ia é visitar a senhora, levar comida na cadeia. (*r*)

Maria. (*volta a sentir palpitação no peito, gagueja*) Olhe que eu num vou lhe dizer é nada.

Solange. Num tem que dizer mesmo. Um dia desses eu conto aos vizinho tudo, todo mundo vai saber quem é Maria da Conceição Silva de Jesus.

Maria. Eu vou é pra minha igreja rezar pelas alma sem luz.

Solange. A senhora vai ter que rezar é muito mesmo, por que a podridão começa dendi você. Ficar velho é fácil, a gente esconde tudo na velhice, todos os mal some, a velha sempre é a boazinha.

Solange, na saída, esbarra com João, que acaba de entrar, olhando para trás.

Solange. Caralho, desgraça.

João. Olha que foi quase que ele descobre. Os pessoal ficou foi tudo me olhando...

Maria. Você se assunte e venha pegar essa menina que eu num fiz ozadia não, que já tô velha, nem quero saber de menino, piorou de homem.

Maria sai para o quarto. A menina começa a choramingar.

João. *(com o olhar perdido)* Eu só num entendi esse negócio de dez por cento.

Maria sai do quarto, com véu preto e bíblia na mão.

Maria. Só pode ser trabalho feito. Eu só num quero morrer num lugar assim qualquer. *(olha para o alto)* Eu já sei, meu pai, que tá chegando minha hora. Agora mim deixe morrer dormindo. Morrer num faz feio. *(vai saindo, benzendo-se)* Já tô indo rezar pela minha alma.

João. *(pensando alto)* Acho que agora fica mais fácil. A televisão mais a geladeira dá os dez por cento. Agora num entendi os atrasado. *(pausa longa)* Eu vou dá é tudo de uma vez.

João senta em uma cadeira e acende um cigarro de palha, observa o espaço com ar de superioridade.

João. Eita, que senti até o cheiro do dinheiro. Mãinha vai ficar é orgulhosa. Porque num demora nem quinze dias, que ele disse... *(ri e bebe um gole da cachaça)* Pra comemorar!

João entra no quarto, deixando a menina sozinha, chorando na cadeira.

João, fora de cena, canta:

Princesa, a deusa da minha poesia,

Ternura da minha alegria,

Nos meus sonhos quero te ver.

Princesa, a musa dos meus pensamentos,

Enfrento a chuva, o mau tempo,

Pra poder um pouco te ver.

Entra João, trazendo cordas.

João. Minha neguinha vai é ficar contente. Quanto mais rápido melhor.

João começa a amarrar a geladeira, enquanto canta.

Black-out.

DOIS

Escuridão quase absoluta. Entra Solange, extremamente excitada, acompanhada de um homem.

Solange. Peraí, homem. Nem invente, só vou pegar umas roupa e dinheiro com minha sogra. Você sabe que eu sou sua, meu preto. Ôxe, que tô é com fogo do caralho. Já lhe disse, vou dá umas desculpa aqui, fique na sua... Pare de falar baixinho, deixe de viadagem. Você esquece que eu sou Solange do tererê? Eu faço mizéria. (r) Ôxe, tudo apagado aqui! É até bom, que ninguém vê eu entrando. Porra de menina, o pai dela tá aí, a véa também, só morre se eles quizer! (r) Deus vai castigar é minha buceta, se eu não der para você. (pausa) Venha logo, suba aqui, venha, me jogue na mesa, isso. Ai, perai, homem. Você me joga no chão? Não viu, o caralho. Acenda a luz aí. Cadê as desgraça da lâmpada? (indica o assentamento) Pegue uma vela ali. Medo de que porra? Você né hõmi não, é? Me dê esse caralho. Cadê o isqueiro? (acende a vela) Que porra é essa? Cadê os móvel dessa casa? Os cacareco velho? Fizeram foi a limpa. (r) Você não se meta, fique na sua. Até as lâmpada. (gargalha) É hoje que a velha morre de vez do coração... Você acha o que? É coisa do maluco do João. Cachaça é um desgraça mesmo.

João, fora de cena, cantarola alto:

Princesa, a deusa da minha poesia,

ternura da minha alegria...

O homem apaga a vela e fala ao ouvido de Solange.

Solange. Que porra de marido, aquilo é um traste velho, nem pra foder serve. Eu mandei você apagar a vela? Acenda de novo a vela aí. Vá lá, se ajeite aí, me espere, que daqui a uns quinze minuto eu tô lá. Vai, que o outro tá vindo.

Sai o homem.

O cantarolar de João vai sumindo. Menina chora histérica. Entra João, de paletó e sapatos e com o cabelo penteado. Senta no canto da casa.

João. Neguinha, tava aqui esperando...

Solange. Esperando o que, diabo? Cadê as coisa da casa? (ri) Você vai matar sua mãe, viu? A véa tem um medo de morrer da porra! Olhe lá que eu num tenho dinheiro pra comprar caixão agora! (sarcástica) Qualquer coisa, eu joga ela no buraco de lá dos fundo, viu? Você conhece bem o buraco, né? Você sabe que eu faço mesmo.

João. Ô, neguinha, nós vai ser rico, tô só esperando, adiantei logo os dez por cento e os atrasado que o pastor falou.

Solange. Eu num quero nem saber.

Solange sai para o quarto, com o toco de vela.

João. É, neguinha, você devia mesmo ir no salão se arrumar, pra quando Deus chegar com o dinheiro você tá arrumada pra ele. Ele é homem das importância, neguinha.

Solange. (fora de cena) Que desgraça é essa? Cadê minhas coisa? Meus perfume, meus creme, minha cama, sua porra?

João. Eita, neguinha, que apego às coisa! Nem se preocupe, que vou comprar tudo novo. (ri) Fique nervosa não, nem tem erro. O pastor mandou esperar, que chega daqui a pouco/

Entra Solange, interrompendo João:

Solange. Eu vou lhe matar, diabo!

Solange pega uma faca no assentamento de Exu e avança contra João, para agredi-lo.

Solange. Você é maluco? Eu também sou!

Solange tropeça no bebê, que chora histericamente no meio da sala. Maria vai entrando, atônita.

João. (detendo Solange pelos braços) Neguinha, que besteira é essa? Mãinha, ó pra isso, ficou assim emocionada porque eu disse que Deus vem aqui em casa. (ri)

Maria. Mas o que é isso? Largue meu filho, sua puta desgraçada. (bate com a bengala na cabeça de Solange) Eu vou lhe matar!

João agarra Solange por trás, e segura as mãos dela, dominando-a. Solange chuta a velha.

João. Oxente, neguinha, eu deixo você escolher a casa, nossos móvel, a cor de tudo. Deixe de besteira.

Maria começa a gemer no chão, sente palpitações no peito.

Solange. Besteira? Você se faz de maluco. Comigo não cola. Nem acabei de pagar. Eu quero o que é meu.

João. Eu fiz caridade neguinha, dei as roupa tudo na casa do pastor, ele disse que vai dar aos pobres. Só aquele seu vestido vermelho que a filha dele pegou. Ficou foi bonito nela.

Solange. Desgraça! Meu vestido vermelho!

Solange, embora com as mãos dominadas por João, tenta golpeá-lo com a faca.

João. Mas você vai ter! Olhe pra isso, você cortou meu braço, neguinha. Assim não vai dar certo. Lembre de nosso amor. Eu disse a ele que eu e você se amava, porque o pastor disse que em casa que tem briga Deus num chega nem na porta.

Solange. Amor o caralho, ou vai ser você ou eu. Os dois junto não pode viver!

Maria, deitada no chão, coloca a mão no peito, aparenta sentir fortes dores, os olhos reviram.

João. (segura Solange pelos cabelos) Eu vou ter que acalmar você! Assim Deus nem entra aqui em casa, vai achar que só tem briga por causa do dinheiro.

João enfia a faca no peito de Solange.

Maria. (grito abafado) Não, meu filho!

João para, atônito, e observa a cena.

Maria. Ai! Laroîê, Exu! Eu num tô vendo, afasta essas coisa ruim daqui.

João bebe o resto da cachaça no copo e coloca mais uma dose. Bebe compulsivamente.

João. Fique aqui, sentadinha, quietinha, viu? Eu vou limpar você, num se preocupe, que você num vai passar vergonha na frente de Deus. Guardei um vestido seu. Aquele de nosso noivado. Vou pegar lá dentro.

João entra no quarto.

Maria. *(rouca)* João? Me dá um copo de água... João? Ai, meu peito...

João. Aqui, neguinha. *(coloca o vestido em cima de Solange)* Você vai ficar é bonita. Deus vai logo dizer que eu sou é caprichoso, que eu tenho é sorte de ter uma mulher bonita.

Maria vai se arrastando para perto da criança e deita ao lado da menina.

João. Só falta o cabelo, agora. Vou pegar a escova. Eu guardei seus perfume, amor. Sempre vaidosa, né?

Maria. *(rouca, sem ar, lenta)* Olorum, meu pai, que vai ser de mim agora?

João. Assim, sem gritar, é melhor, Deus vai ver que em nossa casa num tem briga, viu? *(pausa)* Daqui uns dia, Nininha vai crescer, vai estudar, vai ser doutora... Foi o pastor que falou. *(pausa)* Parece que já tô ouvindo a buzina do carro de Nininha: bi bi. Vindo buscar nós e mãinha para passear. Vai casar, vai ter as coisa. Vai ser doutora!

Maria levanta com muito esforço e entra no quarto. João senta do lado de Solange e dá as mãos a ela. Maria sai do quarto, com uma imagem de Santa Bárbara, senta no chão, coloca a menina no colo. A menina pára de chorar.

João. Tá é demorando, viu?

Maria começa a engasgar.

Maria. Eu tô é sentindo minha hora chegar. Fique calma, que vovó tá aqui com você.

O bebê chora baixinho.

Maria. Nunca pensei que no fim de minha vida ia morrer assim, no vazio, sem minhas coisa, sem meu sofá, minha televisão. Mas foi assim que Deus quis. Inté das parede ele arrancou a tinta? Ou foi aquela desgraça que pediu? Eu nem sei é de nada. Mas que era bonitinha minha toca, ah, isso era. *(pausa longa)* Pronto, minha filha. *(tosse muito, engasgada)* Agora você tá com sua vó, viu? Francisco? Vá embora, eu vou cuidar de Nininha, vá embora. *(tosse)* Ai, meu peito... *(grito abafado)* Francisco!

Maria cai, com a menina nos braços. A casa vai perdendo o brilho aos poucos. Da janela entra uma neblina que logo toma conta da casa.

Maria. *(quase sem voz)* João? Ô, João? Vá cavar o buraco.

Maria levanta e anda de um lado a outro da casa.

Maria. Ande logo, num tá ouvindo eu falar? Abra a porta que eu lhe ajudo. Vá cavando os sete parmo.

A casa vai enrugando e entristecendo. João bebe e fuma. Maria chama João insistentemente e não é ouvida. Maria enrola a menina no seu xale e a leva para o quarto, depois volta.

Maria. (com esforço) João? Acorde. Me ajude a colocar ela lá no fundo. Aproveite, que tá de noite, os pessoal tá dormindo. Minha virge.

Maria ajoelha-se junto à imagem de Santa Bárbara, coloca para fora da sua roupa as guias de Iansã, Obaluaiê, Ogum e Oxalá. Enrola nas mãos um terço que estava disposto junto à imagem.

Maria reza:

Em nome de Deus pai mais,

em nome de Deus filho mais,

em nome do Espírito-Santo mais,

Ar vivo, ar morto, ar de estupor, ar de paralisia,

ar arrenegado, ar excomungado, eu te arrenego...

Em nome da Santíssima Trindade,

que esse espírito ruim saia de meu corpo e de minha neta,

que vá para o céu de Deus pai sagrado e celestial,

pra que a gente viva são e aliviado.

Padre Nosso, Ave Maria, creio em Deus Padre.

Maria faz sinal da cruz. Silêncio. Ouvem-se palmas.

João. É o sinhô? Chegou, foi?

Maria. Valei-me, minha Santa Bárbara! Eparrei, Iansã, olha a desgraceira! Ai meu peito. Oi, ai meu Deus. (quase sem voz) João evém gente, num abra a porta, num abra.

João dirige-se até a porta.

Maria. Ô, João! Não, meu filho...

João abre a porta, o homem aparece no vão.

João. Eu pensei do sinhô num vim é mais. É de hoje que eu espero. Tá todo mundo aqui quietinho, sem fazer arenga, esperando o senhor.

O homem fica atônito, não sai da entrada da casa, estático. Maria começa a tremer, coloca a mão no peito e vai desequilibrando-se, esbarrando na parede. O homem faz menção de ajudar a senhora, mas o seu corpo volta e permanece estático na porta da casa.

João. Fiz tudo como o pastor falou, ele disse que ele é mensageiro do senhor. (ri)

Cai o pano.